

Em *O Tema do nosso tempo*, Ortega y Gasset intenta centrar o seu núcleo básico de reflexão na Vida, partindo dela para compreender o mundo, já que segundo ele a função mais importante da nova sensibilidade histórica era o de ordenar o mundo a partir do ponto de vista da **Vida**. Ortega desenvolve, por conseguinte, a dinâmica da razão histórica com base na qualidade das relações inter-individuais e sociais. Neste contexto globalizante da relação da vida com a história e com o Homem, é que o pensador madrilenho aprofunda aquilo que considera ser o fenómeno histórico primário, e o verdadeiro sentido de toda a sensibilidade histórica: a de compreender o mundo a partir do ponto de vista particular da **razão histórica**, a qual é **expressão da razão vital no curso do tempo**. A vida é-nos dada, mas nunca nos é dada já feita. Somos nós que a temos que preencher, e por isso ela é um **afazer constante**.

Deste modo, a partir do fenómeno universal do Devir e da mudança, como lei apriorística, e a que Spengler havia dado conta quando sistematizava a decadência das culturas sob forma de rebaixamento inelutável, Ortega considera não ser exactamente nas culturas que a razão histórica se manifesta vitalmente, mas sim na ideia de **Geração**. A Geração é o **espaço e temporalidade intermédios entre o individual e a massa**. A própria ideia geracional de ‘herança histórica’, inevitável e impagável, é a responsável por essa inscrição vivente dos traços culturais característicos que se vão expressar no tecido sócio-cultural. Esta força é prévia a qualquer opção individual do sujeito, e tomará feições distintas segundo os diferentes níveis espaço-temporais que concretizem a circunstância.

A Geração, enquanto **teoria das classes da idade**, é a resultante vital da expressão histórico-dialéctica da mudança. Esta mudança concretiza-se na **interacção do eu** (núcleo íntimo e psicológico do viver), **com a circunstância** (núcleo exterior e histórico-social). Assume Ortega à geração, o motor da mudança histórica, constituindo-se como fenómeno originário da articulação efectiva do individual com o social. O presente nunca é estático, fixo. Pelo contrário, ele constitui-se como uma **unidade dinâmica num único tempo histórico** (coetaneidade), mas que abarca vários tempos vitais distintos (contemporaneidade), numa faixa temporal ou numa ondulatória ‘*zona de datas*’ de sensivelmente **quinze anos**. Esses tempos ‘sociais’ seriam no entender do pensador espanhol, divisíveis em cinco zonas de contemporaneidade:

1. *Infância (0-15 anos)*
2. *Juventude (15-30 anos)*
3. *Gestação (30-45 anos)*
4. *Predomínio (45-60 anos)*
5. *Velhice (60-75 anos, ou mais)*

Cada geração constituiria um troço intransferível de um tempo histórico, para uma nova e futura sensibilidade. A História é um afazer dramático que contém um princípio de **sincronia** (ter a mesma idade) e outro de **diacronia** (ter um contacto vital comum). O Homem como ser histórico que vive num *aqui e agora* está intimamente ligado à necessidade inelutável de mudança, o que significa que o devir, como motor constitutivo da instabilidade universal, actua e dirige o viver num trajecto sempre dialéctico de nascimentos/maturidades/crises.

Estes prenunciam a fatal decadência que levará a vida à extinção e à morte.